



O SIGNIFICADO DA EXPERIÊNCIA VIVIDA PARA O SER-MULHER NA AMAMENTAÇÃO PROLONGADA

THE MEANING OF THE EXPERIENCE LIVED FOR THE WOMAN BEING IN PROLONGED BREASTFEEDING

Ana Paula Alves Araújo¹

Marli Aparecida Reis Coimbra²

Fabiana Augusta Moreira Lopes³

Bethânia Ferreira Goulart⁴

Leiner Resende Rodrigues⁵

Resumo: O objetivo deste estudo foi compreender o significado da experiência vivida para o ser-mulher na amamentação prolongada⁶. Trata-se de um estudo de delineamento qualitativo, norteado pelo referencial teórico-filosófico da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty e do método hermenêutico proposto por van Manen. Das descrições experienciais emergiu o significado central “A amamentação prolongada perpassa as barreiras ou facilidades do processo pela experiência de amor em vivenciá-la”. Os temas essenciais foram “Experiência de sentimentos agradáveis ao vivenciar a amamentação prolongada”, “Vivência dos percalços para manter a amamentação prolongada” e “Percepção de aspectos que favorecem o aleitamento materno”. Considera-se que a assistência às mulheres deve ser realizada a partir de uma visão holística, abrangendo aspectos fisiológicos, culturais e emocionais diante da sua totalidade enquanto ser-mulher, a partir do respeito de sua decisão em manter a amamentação, pois cada ser projeta o mundo de maneira singular.

Palavras-chave: Aleitamento materno; Filosofia; Cuidado da criança; Enfermagem.

Abstract: The objective of this study was to understand the meaning of the experience lived by women during prolonged breastfeeding. This is a qualitative study, guided by the theoretical-philosophical framework of Maurice Merleau-Ponty's phenomenology and the hermeneutic method proposed by van Manen. From the experiential descriptions, the central meaning emerged: “Prolonged breastfeeding overcomes the barriers or facilities of the process through the experience of love in experiencing it”. The essential themes were “Experiencing pleasant feelings when undergoing prolonged breastfeeding”, “Experiencing obstacles to maintaining prolonged breastfeeding” and “Perception of aspects that favor breastfeeding”. It is considered that assistance to women should be provided from a holistic perspective,

¹ Doutora em Atenção à Saúde, Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Uberaba, Minas Gerais, Brasil. E-mail: apaula.alv@gmail.com

² Doutora em Atenção à Saúde, Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Uberaba, Minas Gerais, Brasil. E-mail: marli.apr.coimbra@gmail.com

³ Doutora em Atenção à Saúde, Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Uberaba, Minas Gerais, Brasil. E-mail: fabiana.lopes@uftm.edu.br

⁴ Doutora em Ciências - Enfermagem pelo Programa Interunidades pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP). Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Uberaba, Minas Gerais, Brasil. E-mail: bethania.goulart@uftm.edu.br

⁵ Doutora em Psiquiatria pela Universidade de São Paulo (USP). Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Uberaba, Minas Gerais, Brasil. E-mail: leiner.r.rodrigues@gmail.com

⁶O ser-mulher na amamentação prolongada representa o corpo materno que vive, sente e experimenta tudo em derredor. O corpo é visto em uma totalidade, em constante interação com o mundo, como uma fonte de sentidos (Lima, 2014; Merleau-Ponty, 2011).



encompassing physiological, cultural and emotional aspects in view of their totality as women, based on respect for their decision to continue breastfeeding, as each person projects the world in a unique way.

Keywords: Breastfeeding; Philosophy; Child care; Nursing.

1 Introdução

As mulheres que amamentam vivenciam experiências que podem estar repletas de emoções e sentimentos únicos. A ansiedade geralmente é relacionada a quadros prévios de depressão, conflito em relações familiares, abortos prévios e queixa de si. Tais fatores interferem no processo e na autoeficácia para amamentar. A persistência e a motivação percorrem um campo vasto de aspectos que interferem na segurança em amamentar (Abuchaim *et al.* 2023). A amamentação apresenta vários obstáculos e exige apoio emocional e suporte profissional adequado para alcançar seus objetivos (Kalil; Aguiar, 2023).

Em relação à prevalência do aleitamento materno, foi criado por pesquisadores de um consórcio de instituições de ensino e pesquisa o Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil, baseado no estado do Rio de Janeiro. O estudo, sendo realizado no Brasil, demonstrou que nos primeiros seis meses o aleitamento materno exclusivo (AME) foi de 45,8%, e que ficou abaixo da meta da OMS de 70%. Aos 2 anos de vida o resultado foi de 35,5%, sendo que a meta é de 60% para 2030 (Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021).

Nos Estados Unidos, 46,5% das mulheres amamentaram seus bebês exclusivamente até os 3 meses e apenas 27,2% mantiveram o aleitamento materno até os 6 meses de idade de bebês nascidos em 2021 (Centers for Disease Control and Prevention, 2024). Uma pesquisa realizada nos Emirados Árabes Unidos demonstrou que 26,7% das mães amamentaram exclusivamente até os seis meses de vida do bebê (Radwan *et al.* 2021).

A continuidade da amamentação é apresentada na literatura como a existência de um obscurantismo da sociedade quanto às vantagens da manutenção do aleitamento materno para além dos 2 anos de idade da criança (Cruz; Perez; Prates, 2021). Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, entre 116 estudantes da área da saúde, indicou que a maioria das respostas foi neutra e apresentou emoções negativas relacionadas à amamentação prolongada (Zhuang *et al.* 2020).

As evidências da importância da amamentação são previstas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que recomenda que o aleitamento materno permaneça



exclusivo até os seis meses de vida e, após este período, acrescenta-se uma alimentação complementar adequada, prosseguindo a amamentação por 2 anos ou mais (WHO, 2003). A recomendação da OMS não estabelece a idade em que deve ocorrer o desmame da criança. Apesar de não ter uma definição estabelecida na literatura, a manutenção do aleitamento materno para além dos 2 anos de idade da criança é tida como amamentação prolongada, segundo a recomendação da OMS (WHO, 2003; Martínez-Poblete; Ossa, 2020; Cruz; Perez; Prates; 2021).

A amamentação está relacionada ao melhor desenvolvimento infantil, tanto durante os 2 anos de vida, diante dos vários benefícios para a criança, como também durante a amamentação prolongada (Nogueira-de-Almeida *et al.* 2022). Para a saúde materna, existem vários benefícios, como a proteção do câncer de ovário e de diabetes mellitus, e o aumento do intervalo interpartal. Além disso, quando perdura mais de 2 anos, há evidências de que pode prevenir mortes por câncer de mama (Victora *et al.* 2016). Efeitos positivos de uma amamentação bem-sucedida na saúde emocional da mãe, além do estímulo do vínculo mãe e filho, também foram descritos na literatura (Tucker; O'Malley, 2022). Entretanto, mães que participaram de um estudo realizado em Portugal relataram que a amamentação ainda é um tema pouco valorizado (Soares, 2023).

Uma revisão integrativa realizada entre mulheres de diversos países investigou a percepção dessas mães quanto à prática do aleitamento materno. O Estudo certificou que a amamentação desperta nas mulheres vários sentimentos complexos, sendo um processo que vai além da ação fisiológica, pois vinculam-se o meio no qual a mulher está inserida e o apoio que ela recebe diante das dificuldades vivenciadas (Lima *et al.* 2019). Além disso, a decisão da mulher em amamentar é intensamente influenciada pela questão cultural e requer obstinação e empoderamento, somados à necessidade de desconstrução de algumas crenças direcionadas às práticas do aleitamento (Higashi *et al.* 2021).

Na literatura existe lacuna em publicações sobre o aleitamento materno após os 2 anos de vida da criança, como também a quase inexistência de estudos abordando essa problemática na perspectiva da vivência do ser-mulher (Ignatios *et al.* 2021; Martínez-Poblete; Ossa, 2020; Thompson; Topping; Jones, 2020). Assim, o presente estudo torna-se relevante mediante as lacunas encontradas nas publicações científicas nacionais e internacionais, bem como a necessidade de fortalecimento das ações de promoção, proteção e apoio à amamentação.

Parte-se do pressuposto de que o ser-mulher enfrenta desafios para manter/escolher a amamentação prolongada. Posto isto, formulou-se a seguinte pergunta



norteadora: “Qual o significado da experiência vivida para o ser-mulher na amamentação prolongada?”

Diante do exposto, o estudo propôs-se a compreender o significado da experiência vivida para o ser-mulher na amamentação prolongada.

2 Referencial teórico

Para a compreensão do significado da experiência vivida para o ser-mulher na amamentação prolongada foi adotado o referencial teórico-filosófico da fenomenologia de Merleau-Ponty (Merleau-Ponty, 2011), que apresenta a fenomenologia da percepção que se volta para o sensível, à experiência perceptiva e vivida primordialmente no corpo (Cerbone, 2012; Gonçalves *et al.* 2008; Granetto; Moura; Nascimento, 2023). A fim de elaborar um conceito sobre o mundo, o ser tem experiência intencional, sendo sujeito encarnado. Existem conexões com o corpo, o outro, a cultura, a afetividade, as relações sociais e o tempo (Merleau-Ponty, 2011; Nóbrega, 2008).

3 Trajetória metodológica

3.1 Desenho do estudo e referencial teórico-metodológico

Trata-se de um estudo de delineamento qualitativo, norteado pelo referencial teórico-filosófico da fenomenologia da percepção de Maurice Merleau-Ponty e pelo referencial metodológico da fenomenologia hermenêutica por Van Manen.

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, dos valores, das crenças e das atitudes (Minayo, 2011). Segundo Bicudo (2022), a interpretação na pesquisa qualitativa exige um trabalho laborioso. O relato desta investigação seguiu os critérios do guia *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research* (COREQ) (Souza *et al.* 2021).

3.2 Local do estudo, amostragem e recrutamento

A pesquisa foi realizada em município localizado no interior do estado de Minas Gerais, na região Sudeste do Brasil. As entrevistas foram realizadas no local de preferência indicado pelas participantes da pesquisa, que podia ser em domicílio ou outro local, como no trabalho ou ambiente virtual/videochamada. O contato com a primeira entrevistada sinalizou outras mulheres, caracterizando a amostragem em bola de neve, ou



seja, foram selecionadas as entrevistas como um desdobramento das existentes. A amostragem em bola de neve é utilizada para pesquisar grupos difíceis de serem acessados ou estudados, do mesmo modo quando não há precisão sobre sua quantidade (Vinuto, 2014). Não havia o conhecimento prévio com as entrevistadas, apenas no momento da entrevista procedeu-se à apresentação da pesquisadora, em que foram expostos os anseios e objetivo.

A população deste estudo foi composta por 12 mulheres que estão em amamentação prolongada com crianças de 2 anos ou mais de idade. Após identificados os potenciais participantes, o contato foi realizado por aplicativo de mensagem de celular e também pessoalmente.

Foram indicadas 19 mulheres em amamentação prolongada; porém, quando realizado o contato, para quatro delas já havia ocorrido o desmame de seus filhos há poucas semanas. Três das mulheres que inicialmente se dispuseram a participar do estudo não agendaram a data da entrevista e pararam de responder mensagem por aplicativo de mensagem. Foram entrevistadas 12 mulheres em amamentação prolongada. Foram incluídas as participantes com idade maior ou igual a 18 anos e que estavam em amamentação prolongada com crianças de 2 anos ou mais. Foram excluídas mulheres que apresentaram alguma dificuldade de comunicação durante a realização da entrevista e que impossibilitasse sua continuação.

3.3 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada entre março e novembro de 2023. Foi realizada uma breve apresentação do tema e dos objetivos da pesquisa. Em seguida, apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a participante, entregando-lhe uma cópia após a assinatura do termo; ressaltou-se às participantes que o anonimato seria rigorosamente respeitado. Para o procedimento de coleta de dados, foi utilizada a técnica de entrevista não estruturada, na qual a pergunta norteadora foi avaliada/validada por duas doutoras na área de pesquisa qualitativa, que avaliaram como adequada ou não adequada e sugestões. Não ocorreram sugestões para a pergunta e as entrevistas foram conduzidas pela seguinte questão: “conte-me como é sua experiência com a amamentação”.

A pesquisadora que realizou a coleta de dados é enfermeira, com titulação de doutorado, tendo frequentado disciplina específica de pesquisa qualitativa e sendo capacitada para tal. As entrevistas foram audiogravadas em meio digital, com



aquiescência das participantes, e posteriormente transcritas na íntegra e submetidas à análise. Foi estipulado pela pesquisadora previamente que o tempo máximo para a resposta seria de uma hora e cronometrado pela pesquisadora. O tempo da entrevista variou entre 20 minutos a 60 minutos.

A identidade das participantes foi preservada, assegurando-se o anonimato. Para isso, cada uma foi codificada com a letra “E”, significando “Entrevistada”, seguida de um número arábico, conforme a ordem da entrevista. Confeccionou-se um formulário de caracterização sociodemográfica com os itens: idade, estado conjugal, escolaridade e tipo de formação.

3.4 Análise de dados

A análise dos dados realizada do estudo seguiu as etapas sugeridas por Van Manen (1990). Procedeu-se à leitura exaustiva do material e foi realizada análise temática. Buscou-se a convergência entre as unidades temáticas para identificar os temas essenciais do conjunto dos dados. Em seguida, foi realizada a reflexão fenomenológica embasada em Merleau Ponty, a fim de compreender o significado da experiência vivida para o ser-mulher na amamentação prolongada.

3.5 Aspectos éticos

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com seres humanos da universidade envolvida, cujo número foi CAAE: 65699922.0.0000.5154 e parecer nº 5.814.852/2022. A presente pesquisa seguiu as diretrizes e normas de pesquisa envolvendo seres humanos do Conselho Nacional de Saúde, regulamentadas pela Resolução nº 466/2012.

4 Resultados

4.1 Características sociodemográficas

Foram entrevistadas (n=12) mulheres em amamentação prolongada. As mulheres tinham idades entre 26 a 43 anos, sendo que 83% (10) das participantes estavam na faixa etária de 30 a 39 anos. No que se refere ao estado civil, as mulheres declararam serem casadas, 75% (9); em união estável, 17% (2); e amasiada, 8% (1).



Quanto à escolaridade, as entrevistadas informaram que possuíam especialização (5, 42%), ensino superior (4, 33%), mestrado (2, 17%) e doutorado em andamento (1, 8%). Referente à formação acadêmica, estavam subdivididas em: Enfermagem, 42% (5); Direito, 17% (2); Administração, 9% (1); Pedagogia, 8% (1); Medicina, 8% (1); Psicologia, 8% (1); e Engenheira de Alimentos, 8% (1).

Quanto à idade das crianças em amamentação prolongada, houve variação entre 2 anos e 1 mês a 8 anos e 4 meses. Destaca-se que três entrevistadas estavam realizando amamentação em *tandem*, sendo: uma menina de 3 anos e 10 meses e um bebê de 1 mês e 15 dias; uma menina de 8 anos e 4 meses e uma bebê de 8 meses; e uma menina de 5 anos e outra de 2 anos e 1 mês.

Apenas uma mulher declarou estar em lactogestação, sendo que o filho que estava em aleitamento materno contava com a idade de 3 anos e 2 meses.

4.2 Descrições experienciais

Das descrições experienciais apresentadas pelas participantes, emergiu o significado central “A amamentação prolongada perpassa as barreiras ou facilidades do processo pela experiência de amor em vivenciá-la”. Das descrições experienciais emergiram ainda temas essenciais que convergem para o significado central, e desvelam o significado da experiência vivida para o ser-mulher na amamentação prolongada. Os temas que surgiram foram “Experiência de sentimentos agradáveis ao vivenciar a amamentação prolongada”, “Vivência dos percalços para manter a amamentação prolongada” e “Percepção de aspectos que favorecem o aleitamento materno”.

Experiência de sentimentos agradáveis ao vivenciar a amamentação prolongada

A experiência de sentimentos agradáveis foi traduzida nas falas como sendo uma vivência de amor, felicidade, afeto, gostosa, de prazer, contato/vínculo, aconchego, emocionante, sem preço e única, além de considerar um momento envolvendo algo de espiritualidade e conexão com o corpo e a alma.

E eu amo amamentar ele. (E04)

[...] minha experiência é muito boa, muito prazerosa nesse sentido de troca de amor, troca de afeto mesmo. (E06)

[...] acho que a amamentação, ela me proporcionou muita coisa boa, eu sou muito feliz amamentando [...] até hoje, muito mesmo. (E06)



[...] é muito gostoso [...] mas o olhinho, o contato, ela olhar no meu olho, mamar, é tão gostosinho, é muito bom [...]. Então, pra mim foi uma experiência muito, muito emocionante, muito feliz [...] porque é uma experiência muito, muito única. (E12)

[...] sinto feliz, satisfeita por ter conseguido amamentar durante tanto tempo [...]. (E02)

A amamentação é algo prazeroso. (E04)

[...] Tem muito de afeto, principalmente com crianças maiores. É muito mais uma ligação, uma conexão de afeto do que a questão da nutrição em si quando a criança é menor. (E10)

Não tem preço, né. [...] Olho no olho, colo, aconchego, cheirinho. Sentir o sugar. Então acho que é carinho. É apego, é aconchego [...] O olho no olho. É a conexão. É a troca. Não é só alimento [...]. Mas eu acho que é um laço maior. Que a gente se envolve de corpo e alma, né? (E05)

É uma bênção, um milagre mesmo. De você poder nutrir alguém que você tá ali, que você viu, gerar, que você sentiu tudo. (E03)

A perspectiva da amamentação prolongada foi apontada como um privilégio, algo conquistado e que merece ser comemorado.

[...] eu tive esse privilégio de conseguir. Então, eu me sinto, assim, privilegiada. (E02)

Então, sempre achei, me achava uma vitoriosa de ter conseguido, né? (E01)

Eu acho que tem que ser comemorado. Eu sempre via como uma conquista. (E01)

Cada ano que passa que ele continua amamentando, eu venho sendo a heroína dele. (E04)

[...] a minha experiência é muito gratificante. (E06)

[...] a gente se sente grande, né, se sente, assim, como se fosse dizer, uma super mulher, né, ter uma mulher maravilha. (E09)

Vivência dos percalços para manter a amamentação prolongada

Os depoimentos revelaram desafios importantes na condução da amamentação prolongada, como o conflito entre a naturalidade em amamentar uma criança com mais de 2 anos e o julgamento das pessoas pelas expressões verbais e não verbais.

Pra mim, eu não vejo mérito em mim de estar amamentando uma criança de mais de 2 anos. Eu acho que é que os valores estão invertidos e as pessoas sim me olham como se não precisasse mais. Eu vejo isso, mesmo que não haja comentários, eu sinto no olhar que ela é grande pra amamentar, pra eu estar dando mamar. (E07)

[...] Normal, não tô fazendo nada demais, tô fazendo o que o meu instinto me leva a fazer. (E07)



Então, assim, quando a gente fala que a criança tem 2 anos e amamenta, todo mundo vira e fala, é hora de amamentar, não tem mais leite, então, assim, pra que isso? (E 08)

Tem gente que fala, eu já ouvi gente, nossa, mas esse menino já é grande e ainda mama. (E01)

Tem gente que fala assim comigo, cê é louca, não existe isso não. (E02)

Que que é isso? Cê tá amamentando até hoje, cê não existe. (E02)

[...] Essa nunca me causou estranheza. Eu vejo que quando eu falo com alguma pessoa, as pessoas dizem, gente, mas ela é desse tamanho. (E03)

[...] Eu acho que o órgão é pra isso, já que, né, já que você tem essa possibilidade. (E03)

[...] Eu vejo que as pessoas têm, se assustam na hora que eu falo e tudo. (E03)

É muito, as pessoas, assim, te veem, acho que com maus olhos, né, a questão de você amamentar prolongado, acham que é só, a amamentação seria só ali até os seis meses, depois disso, já chegaram a me falar que é virar água, que não é leite mais. (E09)

As questões que a sociedade traz para nós como críticas, pelo fato de estarmos amamentando uma criança cujo entendimento ainda se faz de que o leite não está trazendo mais nenhum benefício [...]. Isso é algo que a gente escuta e é ruim às vezes, mas como eu tenho muito bem resolvido dentro de mim que a minha vida só se vive eu mesma, ninguém vai morrer no meu lugar por mim, então eu faço o que eu quero. (E04)

[...] mas no final das contas a minha vivência de mãe só quem conhece sou eu. A minha realidade materna só conhece eu mesma. (E04)

O constrangimento vivenciado ao amamentar uma criança com mais de 2 anos em locais públicos é marcado pelas críticas impostas por pessoas externas ao processo. A família também contribui para essas críticas:

Não dou mamar no *shopping*, locais públicos. Porque eu sei que vai gerar muita estranheza das pessoas. E eu não quero que esse tipo de coisa chegue pra ele também. Que ele se sinta constrangido por isso. (E11)

[...] Tira, essa menina já está grande. E eu, gente, agora é difícil porque já está com sete anos. (E03)

As questões que a sociedade traz para nós como críticas, pelo fato de estarmos amamentando uma criança cujo entendimento ainda se faz de que o leite não está trazendo mais nenhum benefício, não faz nenhuma diferença no organismo dele. Isso é algo que a gente escuta e é ruim às vezes [...] (E04)

[...] algumas pessoas me perguntam assim, você tá amamentando ainda, você desmamou, né? Aí, às vezes, até para evitar muito explicação, eu falo, aham, desmamei. (E06)

[...] meu marido fala “até 18 anos essa menina vai estar mamando”. (E03)

[...] é um desafio também, até na questão de encarar as pessoas, encarar... Ainda é... As pessoas ainda fazem brincadeiras, e não são pessoas longe, às vezes é a sua mãe, às vezes sua sogra [...] (E06)



[...] mas, assim, embora tenha muita crítica e façam muitas piadas, assim, né, e dá a família também, né, que não, diz, nossa, essa menina desse tamanho ainda tá mamando, quando que vai parar? (E09)

As percepções de sentimentos contraditórios entre continuar amamentando e o desmame, a sensação de não estar preparada emocionalmente para iniciar o desmame da criança e o desejo do desmame natural foram expressadas pelas participantes.

Vontade de desmamar por várias vezes. Que lá no fundo eu não queria. Eu acho que era mais eu que não queria do que ela. Claro, ela amava mamar. Mas eu acho que eu não estava preparada. Então me defrontei várias vezes comigo chorando. (E05)

[...] é uma experiência que eu acho que a dificuldade maior de desmamar não é nem dela. Eu acho que é minha. (E02)

Não penso em tirar o peito. Vai ser no tempo dela. Então na hora que ela quiser largar o peito. Ela vai largar. (E05)

Sim, aí eu comecei a voltar a pensar no processo de desmame novamente. Mas como é mais prazeroso amamentá-lo do que não amamentá-lo, do que imaginar a não amamentação, eu ainda continuo me esforçando para realmente deixar ele se desmamar por conta própria. (E04)

[...] ele vai fazer 3 anos, que eu penso hein, nossa senhora, eu não vou conseguir amamentar mais, deu, já deu, eu acho que eu vou desmamar. Aí eu, só que passa, sabe? Então, na hora que você vê seu filho ali, você já tá amamentando e você fala, não gente, isso vai passar. (E06)

[...] Porque é uma doação tão grande que você vai falar, gente, alguém tira de mim. Alguém me tira de mim porque esse corpo é meu. (E10)

[...] Porque é uma doação tão intensa que parece que seu corpo vira só pra nutrir a criança. (E10)

Eu acho que quando ela parar de mamar de uma vez, eu vou sentir bastante falta. (E10)

[...] vai ser o desinteresse dela natural, que é o que eu gostaria que acontecesse, o desinteresse dela natural, diminuir mamar, diminuir produção, nada de interessante, e parar. (E07)

Mas eu nunca tive interesse de tirar, eu sempre quis um desmame natural. (E01)

Percepção de aspectos que favorecem o aleitamento materno

Os benefícios do aleitamento materno foram manifestados nos depoimentos como a proteção à saúde da criança pela imunidade passiva. Também, o apoio da família, o conhecimento sobre a importância da amamentação e desejo prévio de amamentar foram relatados como favoráveis.

Com questão de saúde e tudo. Então, é uma proteção a mais que eu dei pra ela, né? Além das vacinas e tudo, porque querendo ou não, durante a amamentação a gente consegue passar a imunidade pra ela. (E02)



[...] poder ser alimento, poder passar isso pra ela, né, imunidade, passar amor na amamentação, acho que eu me sinto muito bem em relação a isso. (E09)

Eu já sabia da importância de amamentar, né? De todos os benefícios. Então, quando eu engravidei, era uma coisa que eu queria muito, era conseguir amamentar, pelo menos até os 2 anos de idade. (E11)

Eu também tive muito apoio na minha família, porque a minha sogra amamentou meu marido até os seis anos de idade. (E11)

[...] Contar com informações. Leituras [...] contei com uma rede de apoio da minha mãe. (E05).

[...] Então, eu acho que é contar com os profissionais. (E05)

[...] Amamentação é informação. [...] não tinha noção de nada. E eu fui pesquisar, fui ler e falei, não vou dar bico artificial. (E10)

Então, assim, o meu desejo sempre foi ser mãe, engravidar e amamentar. (E06)
Eu sempre falei que eu queria amamentar. (E12)

[...] eu estudei durante a gestação, fiz uma consulta pré-natal com uma consultora de amamentação muito boa e consumi conteúdos de *internet* bem indicados. (E07)

[...] Eu acredito em todos os benefícios da amamentação, inclusive da amamentação tardia, tanto de imunidade quanto emocional. (E07)

5 Discussão

Esta pesquisa evidenciou achados importantes referentes ao significado da experiência vivida para o ser-mulher na amamentação prolongada. Compreende-se que o ato de a mulher realizar a amamentação prolongada é consciente, voltado para o ser-criança, firmado no amor que traz felicidade para o ser-mulher. É a partir do corpo que se estabelece a nossa existência no mundo (Cerbone, 2012; Gonçalves *et al.* 2008; Merleau-Ponty, 2011). As participantes do estudo têm a experiência perceptiva originalmente no corpo, sendo que amamentar envolve diversos sentimentos e ao mesmo tempo resiliência.

Um estudo realizado com mulheres com complicação puerperal revelou que a amamentação estava relacionada ao amor voltado para o bebê (Lima *et al.* 2018). Outro estudo, realizado em Portugal, entre mulheres em amamentação prolongada, demonstrou que apesar das dificuldades no processo da amamentação, amamentar estava relacionado a sentimentos positivos, como o amor (Soares, 2023). Entende-se melhor como um ser pode existir para nós pelo amor, pois é necessário identificar que o amor em geral tem uma significação metafísica, que é incompreensível se tratamos o ser como uma máquina governada por leis naturais (Merleau-Ponty, 2011).



As falas do ser-mulher nesta investigação trazem a felicidade, o afeto e o prazer em amamentar a criança. Merleau-Ponty (2011) afirma que o corpo, além de orgânico, é corpo vivido e faz-se uma possibilidade sobre o mundo sendo fonte de sentido das coisas.

Estudos realizados entre mulheres que estavam vivenciando a amamentação retrataram a experiência como gratificante, prazerosa, uma maneira de demonstração de afeto e carinho (Kalil; Aguiar, 2023; Lima *et al.* 2018). O sentimento de afeto permeia o processo de amamentação compreendido como algo que transcende as questões biológicas (Lima *et al.* 2018). O meio afetivo é o setor da experiência que dá sentido e realidade para o ser, por isso compreende-se a afetividade como um mosaico de estados afetivos, prazeres e dores em si mesmo (Merleau-Ponty, 2011).

As participantes que vivenciam a amamentação para além dos 2 anos trazem nos depoimentos sentimentos agradáveis relacionados ao ato de amamentar. As razões psicológicas e as estruturações fisiológicas podem emaranhar-se e as questões orgânicas verterem-se em um comportamento humano; um ato instintivo transforma-se em sentimento (Merleau-Ponty, 2011).

Algumas das participantes relataram que durante a amamentação prolongada perceberam a presença do olho no olho, o cheiro, o carinho, a sensação do sugar, ou seja, uma interação proporcionada pelos sentidos do corpo por meio da recepção de estímulos. Merleau-Ponty (2011) traz que por meio da percepção o corpo em sua totalidade estabelece a presença no mundo.

Percebe-se, por meio dos relatos, a sensação de experiência agradável durante o ato de amamentar e a interação com o bebê. Sabe-se que há uma relação bem estabelecida de afeto entre a mãe e a criança. Tal fato pode ser inferido pelo tempo de prolongamento da amamentação. O aleitamento materno traz benefícios mútuos para a mãe e o filho, pois além de nutrir, há o estabelecimento de uma relação psicológica entre o binômio, e outras vantagens que são observadas (Silva; Tonon, 2020).

O ser-mulher revelou que havia o desejo de amamentar prévio à gestação ou que despertou interesse em amamentar durante o período gestacional. A intenção de amamentar relaciona-se positivamente com a manutenção do aleitamento materno (Fernandes; Höfelmann, 2020; Soares, 2023). Neste sentido, ressalta-se que, para Merleau-Ponty (2011), compreender significa experienciar o acordo entre aquilo que é visado e aquilo que é dado, por meio da intenção e da realização, sendo o corpo ancoradouro no mundo.



Os benefícios do aleitamento materno foram manifestados nos depoimentos, como a proteção à saúde da criança. A linguagem é essencial na percepção do outro, sendo o meio para a compreensão das experiências vividas (Guerrero-Castañeda; Soto, 2022; Merleau-Ponty, 2011). A amamentação está relacionada a diversos fatores relativos à cultura e às vivências, assim como às informações de saúde que recebeu durante a vida (Lima *et al.* 2018). Desta forma, há a necessidade de destacar a importância do acompanhamento por equipe multiprofissional para promoção do ato de amamentar, considerando os aspectos sociais e psicoemocionais envolvidos no processo, além da importância do compartilhamento de experiências prévias entre as mulheres para promover o empoderamento (Fernandes; Höfelmann, 2020; Lamas *et al.* 2021).

Por meio das falas, constatou-se que as mulheres enumeram vários benefícios para a saúde física e emocional das crianças. Porém, não há menção dos benefícios existentes para a saúde materna. As mulheres deveriam ser compreendidas como protagonistas da prática do aleitamento materno (Kalil; Aguiar, 2017).

Entre algumas mulheres há a sensação de privilégio por estar amamentando, algo que deveria ser comemorado, enquanto outras encaram com naturalidade o processo de amamentar para além dos 2 anos da criança. Não é porque as pessoas se encontram perante circunstâncias similares que serão tratadas da mesma forma, por mais que as consciências vivenciem uma situação comum, e que haja comunicação entre elas; baseado na subjetividade, cada ser projeta o mundo de forma singular (Merleau-Ponty, 2011).

Os depoimentos revelaram desafios importantes na condução da amamentação prolongada, como o conflito entre a naturalidade em amamentar uma criança com mais de 2 anos e o julgamento das pessoas. Nas falas do ser-mulher foram trazidos tanto o julgamento verbal quanto o não verbal. Há interdependência com o corpo, o outro, a afetividade, a cultura e as relações sociais, sendo que o ser experiencia intencionalmente para posteriormente elaborar um conceito sobre o mundo (Merleau-Ponty, 2011; Nóbrega, 2008). Estudo realizado no Chile demonstrou que se ocorrer o desenvolvimento de uma cultura de reconhecimento social atrelada aos benefícios da amamentação prolongada poderá haver motivação entre as mulheres para aderir à prática (Martínez-Poblete; Ossa, 2020).

Algumas mães referem que apesar da crítica e pressão pelo desmame sofridas por realizar a amamentação prolongada, elas mantêm-se na prática por acreditar que a sua própria vivência materna é importante para o processo. Estudo realizado no Reino Unido demonstrou que as participantes relutam em procurar apoio dos profissionais de saúde



por medo do julgamento, bem como pela pressão imposta para que ocorra o desmame (Thompson; Topping; Jones, 2020). Para Kalil; Aguiar (2023), a mulher busca algum tipo de controle sobre onde e quando amamentar, sendo possível observar graus variados de sucesso. As práticas culturais são influências fortes para amamentar e demandam persistência e empoderamento das mulheres, bem como a desconstrução de algumas crenças que incidem sobre a prática da amamentação (Higashi *et al.* 2021).

Algumas mulheres tiveram a percepção de sentimentos contraditórios entre continuar amamentando e o desmame, associada à sensação de não estar preparada emocionalmente para iniciar o desmame da criança. A falta de orientação profissional adequada pode resultar em desmame (Çınar *et al.* 2022). Um estudo realizado por Kalil e Aguiar (2023) demonstrou que emergiu nos discursos a necessidade de ser aperfeiçoado o modelo de assistência ofertado atualmente à mulher referente ao início da amamentação, bem como ao desmame, por desconsiderar as implicações emocionais e práticas para o binômio mãe e criança.

Algumas participantes expressaram o desejo do desmame natural. Atividades educativas sobre o desmame biológico, bem como a promoção das orientações da OMS para duração da amamentação por 2 anos ou mais, pode encorajar as mulheres a prosseguir com a amamentação por mais tempo, a fim de estimular a normalização e aceitação entre profissionais de saúde e sociedade em geral (Thompson; Topping; Jones, 2020).

Percebe-se que entre algumas mulheres não há menção nos relatos quanto ao desmame, o que demonstra que a prática da amamentação prolongada ainda poderá permanecer por um tempo maior, não determinado pela mãe, mas estabelecido pela criança, ou seja, o desmame natural. Thompson, Topping e Jones (2020) tratam da necessidade de atualização dos profissionais de saúde quanto aos benefícios da duração ideal do aleitamento materno e sugerem a utilização do termo amamentação natural em substituição à amamentação prolongada.

O constrangimento vivenciado ao amamentar uma criança com mais de 2 anos em locais públicos é marcado pelas críticas impostas. Algumas mulheres relataram que não desejavam expor as crianças às críticas alheias em locais públicos, enquanto outras reportaram sobre as críticas que elas próprias vivenciavam ao realizar a amamentação prolongada. As barreiras culturais e sociais para amamentar os seus filhos podem levar mulheres a esconder o comportamento de amamentar crianças maiores (Thompson; Topping; Jones, 2020). Um estudo realizado sobre a percepção das mães sobre



amamentação e desmame revelou que o constrangimento social com a amamentação prolongada motivou o desmame da criança (Kalil; Aguiar, 2023).

O envolvimento integrado entre comunidade, governo e profissionais de saúde é necessário para promover valorização e suporte para a amamentação, pois além dos benefícios para mães e crianças contribuiria para a saúde das futuras gerações (López *et al.* 2024; Silva *et al.* 2023).

O presente estudo apresentou como fator limitante o fato de que algumas das participantes foram submetidas às entrevistas no ambiente laboral e dependeram do recurso disponível nos locais de trabalho, sendo adaptados quando possível para manter o sigilo adequado e comodidade. No entanto, esse aspecto não influenciou a adesão da participante nem a continuidade do estudo, de maneira que não ocorreram desistências. Outro fator limitante está relacionado ao método bola de neve utilizado, pois quando uma pessoa indica a outra, corre-se o risco de serem pessoas do mesmo convívio, o que não desqualifica o estudo. Também pelo método bola de neve, atingiram-se todas as mulheres com nível superior de escolaridade, o que pode ter sido influência do meio.

6 Considerações finais

O objetivo do estudo, de compreender o significado da experiência vivida para o ser-mulher na amamentação prolongada, foi desvelado. Os desafios no processo de amamentação foram manifestos por meio da experiência de julgamentos e críticas pela sociedade e familiares, além da contradição entre amamentar e o processo de desmame. Entretanto, para além do pressuposto estabelecido, o contexto foi permeado pelo amor, bem-estar, proteção e benefícios para a criança. Assim, a partir dos relatos apresentados pelas participantes do estudo, emergiu o significado central “A amamentação prolongada perpassa as barreiras ou facilidades do processo pela experiência de amor em vivenciá-la”. Os temas essenciais que convergiram para o significado central foram “Experiência de sentimentos agradáveis ao vivenciar a amamentação prolongada”, “Vivência dos percalços para manter a amamentação prolongada” e “Percepção de aspectos que favorecem o aleitamento materno”, que desvelam o significado da experiência vivida para o ser-mulher na amamentação prolongada.

Nesse sentido, a partir de uma consciência intencional, o ser-mulher que amamenta crianças para além de 2 anos vivencia a amamentação com amor, e utiliza os recursos que possui para manter a amamentação prolongada, apesar de suportar o



juízo das pessoas pelo desejo de persistir na amamentação e esperar o desmame natural. A partir do corpo do ser-mulher e sua relação com a criança, há o estabelecimento da afetividade, ocorre o vínculo que favorece o prolongamento da amamentação, que produz expressão social e cultural, com base na subjetividade de cada ser que projeta o mundo de forma singular.

A assistência às mulheres em amamentação prolongada deve ser realizada a partir de uma visão holística, abrangendo aspectos fisiológicos, culturais e emocionais, diante da sua totalidade enquanto ser-mulher, a partir do respeito de sua decisão em manter a amamentação, bem como ofertar suporte se ela optar pelo desmame, pois cada ser possui sua singularidade.

Este estudo colaborou para a compreensão do fenômeno estudado, gerando novos caminhos de clareza sobre o assunto. Contudo, não esgota as muitas discussões que são necessárias sobre a temática. Portanto, são necessários mais estudos que abordem o tema de forma a viabilizar uma prática mais adequada para abordagem às mulheres que estejam amamentando crianças para além dos 2 anos de idade.

Referências

- ABUCHAIM E.S.; MARCACINE K.O.; COCA K.P.; SILVA I.A. Ansiedade materna e sua interferência na autoeficácia para amamentação. *Acta Paul Enferm.*, São Paulo, v. 36, n. p.eAPE02301, jan., 2023. DOI: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2023AO02301>
- BICUDO, M. A. V. A lógica da pesquisa qualitativa e os modos de procedimentos nela fundados. *Revista Pesquisa Qualitativa*, São Paulo, v. 9, n. 22, p. 540–552, dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.33361/RPQ.2021.v.9.n.22.507>
- CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. **Breastfeeding Report Card**. Atlanta, 2024. Disponível em: <https://www.cdc.gov/breastfeeding-data/breastfeeding-report-card/index.html>. Acesso em: 21 nov. 2023.
- CERBONE, D. R. **Fenomenologia**. Tradução de Caesar Souza. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012.
- ÇINAR, N.; SUZAN ÖK.; TOPAL S.; PEKŞEN S. Mothers' breastfeeding attitudes when lactation overlaps with a new pregnancy. *Malawi Medical Journal*, Lilongwe, v. 34, n. 1, p. 53–59, mar. 2022.
- CRUZ, M. D. R. da; PEREZ, R. de V.; PRATES, L. A. Perfil de mulheres que mantiveram a amamentação prolongada/continuada: revisão narrativa. In: SIEPE - SALÃO INTERNACIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 13., 2021, Pampa. **Anais...** Pampa: UNIPAMPA, 2021. p. 1–2. Disponível em: https://ei.unipampa.edu.br/uploads/evt/arq_trabalhos/23374/etp1_resumo_expandido_23374.pdf Acesso em: 12 nov. 2024.



FERNANDES, R. C.; HÖFELMANN, D. A. Intenção de amamentar entre gestantes: associação com trabalho, fumo e experiência prévia de amamentação. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 1061–1072, jul. 2020.

GONÇALVES, R. R.; GARCIA, F. A. F.; DANTAS, J. DE B.; EWALD, A. P. Merleau-Ponty, Sartre e Heidegger: três concepções de fenomenologia, três grandes filósofos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 402-435, ago. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1808-42812008000200019&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 5 jan. 2025.

GRANETTO, L. F.; MOURA, M. G.; NASCIMENTO, M. M. Relato da biografia de Maurice Merleau-Ponty. In: ENCONTRO CIENTÍFICO CULTURAL INTERINSTITUCIONAL, 21., 2023, Cascavel. Anais... Cascavel: Centro Universitário FAG, 2023. p. 1-6. Disponível em: <https://www4.fag.edu.br/anais-2023/Anais-2023-142.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2024.

GUERRERO-CASTAÑEDA, R. F.; SOTO, C. E. G. Experiencia vivida, Van Manen como referente para la investigación fenomenológica del cuidado. **Revista Ciencia y Cuidado**, San José de Cúcuta, v. 19, n. 3, p. 112-120, set./dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.22463/17949831.3399>.

HIGASHI, G. C.; SANTOS, S. S. DOS; SILVA, R. S. DA; JANTSCH, L. B.; SODER, R. M.; SILVA, L. A. A.; Práticas de enfermeiros e a influência sociocultural na adesão ao aleitamento materno. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v. 35, p. e38540, fev. 2021.

IGNATIOS, M. N.; IGNATIOS, M. N.; SILVA, M. F.; PAES, L. B. D. O.; FABBRO, M. R. C. Amamentação prolongada: fatores envolvidos na decisão de mulheres nutrizas. **CuidArte, Enfermagem**, Catanduva, v. 15, n. 2, p. 205–213, jul./dez. 2021. Disponível em: <http://www.webfipa.net/facfipa/ner/sumarios/cuidarte/2021v2/p.205-213.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2024.

KALIL, I. R.; AGUIAR, A. C. de. A boa mãe lactante: percepções maternas sobre amamentação e desmame. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 33, p. e33090, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-7331202333090>

KALIL, I. R.; AGUIAR, A. C. de. Silêncios nos discursos pró-aleitamento materno: uma análise na perspectiva de gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 637–660, maio./ago. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n2p637>

LAMAS, T. K. P.; SILVA, E. B. D. A.; SILVA, L. S.; PORTO, S. O.; PASTANA, E. C. P. V. A importância da rede de apoio no processo de amamentação para lactentes e puérperas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SAÚDE PÚBLICA ON-LINE: UMA ABORDAGEM MULTIPROFISSIONAL, 1., 2021, [S.I.]. **Anais... [S.I.]**: [s.n.], 2021. p. 207. Disponível em: <https://editoraime.com.br/revistas/rem/s/article/view/2973>. Acesso em: 5 jan. 2025.

LIMA, A. B. M. A relação sujeito e mundo na fenomenologia de Merleau-Ponty. In: LIMA, A. B. M. **Ensaios sobre fenomenologia**: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty. Ilhéus, BA: Editus, 2014. p. 77–102. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/pcd44/pdf/lima-9788574554440-05.pdf>. Acesso em: 15 set. 2022.

LIMA, S. P.; SANTOS, E. K. A. D.; ERDMANN, A. L.; SOUZA, A. I. J. D. Desvelando o significado da experiência vivida para o ser-mulher na amamentação com complicações puerperais. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. e0880016. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-07072018000880016>.



LIMA, S. P.; SANTOS, E. K.; ERDMANN, A. L.; FARIAS, P. H.; AIRES, J.; NASCIMENTO, V. F. Perception of women regarding the practice of breastfeeding: an integrative review / Percepção de mulheres quanto à prática do aleitamento materno: uma revisão integrativa. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, Rio de Janeiro, Brasil, v. 11, n. 1, p. 248–254, 2019. DOI: [10.9789/2175-5361.2019.v11i1.248-254](https://doi.org/10.9789/2175-5361.2019.v11i1.248-254)

LÓPEZ, A. S. Q.; MASLINKIEWICZ, A.; MELO, A. L. A.; DE SOUSA ARAÚJO, D. G.; DE ANDRADE G. H. C.; SOUZA, J. S. D. S.; MACIEL, M.G.S.; CHAVES, V.F.C.; NASCIMENTO, T.R.; BARBOSA, T. M. S. A importância do aleitamento materno na promoção da saúde materno-infantil: nutrição, vínculo afetivo e políticas de saúde pública. **Revista Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida**, Campinas, v. 16, n. 1, p. 1-8, mar. 2024. DOI: <https://doi.org/10.36692/V16N1-69R>.

MARTÍNEZ-POBLETE, G.; OSSA, X. Motivações para o prolongamento da amamentação. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 33, p. 1–8, ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2020AO0112>.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 30. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

NÓBREGA, T. P. da. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 13, n. 2, p. 141–148, ago. 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2008000200006>

NOGUEIRA-DE-ALMEIDA, C. A.; RIBAS FILHO, D.; WEFORT, V. R. S.; UED, F. V.; NOGUEIRA-DE-ALMEIDA, C. C. J.; NOGUEIRA, F. B.; STEINER, M.L.; FISBERG, M. Primeiros 2.200 dias de vida como janela de oportunidade de atuação multidisciplinar relativa à origem desenvolvimentista de saúde e doença: posicionamento da Associação Brasileira de Nutrologia. **International Journal of Nutrology**, Catandua, v. 15, n. 3, p. 1–22, ago. 2022. DOI: <https://doi.org/10.54448/ijn22303>

RADWAN, H. RADWAN, H.; FAKHRY, R.; METHENY, N.; BANISSA, W.; FARIS, M.A.I.E.; OBAID, R. S.; MARZOOQI, S.A.; GHAZAL, H.A.; ELHALIK, M.; DENNIS, C. Prevalence and multivariable predictors of breastfeeding outcomes in the United Arab Emirates: a prospective cohort study. **International Breastfeeding Journal**, London, v. 16, n. 1, p. 1-13, out. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1186/s13006-021-00428-7>

SILVA, I. A.; SILVA, C. M.; COSTA, E. M.; FERREIRA, M. D. J.; ABUCHAIM, E. D. S. V. Amamentação continuada e trabalho: cenário de persistência e resiliência materna. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 76, n. 1, p. e20220191, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2022-0191pt>

SILVA, V. M. da; TONON, T. C. A. Atuação do enfermeiro no processo da amamentação. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 10, p. e7819109158, out. 2020. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i10.9158>

SOARES, S. F. A. **Amamentação prolongada: fatores influenciadores**. 2023. 246 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem de Saúde Materna e Obstétrica) - Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, Coimbra, 2023. Disponível em: <http://web.esenfc.pt/?url=nRj2W6i4> Acesso em: 21 out. 2024.



SOUZA, V. R. dos S.; SOUZA, V. R. D. S.; MARZIALE, M. H. P.; SILVA, G. T. R.; NASCIMENTO, P. L. Tradução e validação para a língua portuguesa e avaliação do guia COREQ. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 34, p. eAPE02631, mar. 2021. DOI: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021AO02631>

THOMPSON, A. J.; TOPPING, A. E.; JONES, L. L. “Surely you’re not still breastfeeding”: a qualitative exploration of women’s experiences of breastfeeding beyond infancy in the UK. **BMJ Open**, London, v. 10, n. 5, p. e035199, maio. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2019-035199>

TUCKER, Z.; O’MALLEY, C. Mental health benefits of breastfeeding: a literature review. **Cureus**, Palo Alto, v. 14, n. 9, p. e29199, set. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Aleitamento materno**: prevalência e práticas entre crianças brasileiras menores de 2 anos. 4: ENANI – 2019. Rio de Janeiro: UFRJ, 2021. Disponível em: <https://enani.nutricao.ufrj.br/wp-content/uploads/2023/10/Relatorio-4-ENANI-2019-Aleitamento-Materno.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2024.

VAN MANEN, M. **Researching lived experience**: human science for an action sensitive pedagogy. New York: State University of New York Press, 1990.

VICTORA, C. G; BAH, R., BARROS; A. J., FRANÇA, G. V.; HORTON, S.; KRASEVEC, J.; MURCH, S., SANKAR, M.J.; WALKER, N.; ROLLINS, N. C. Breastfeeding in the 21st century: epidemiology, mechanisms, and lifelong effect. **Lancet**, London, v. 387, n. 10017, p. 475–490, jan. 2016.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203–220, dez. 2014. DOI: <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global strategy for infant and young child feeding**. Geneva: World Health Organization and United Nations Children’s Fund, 2003. Disponível em: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/42590/9241562218.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2022.

ZHUANG, J; HITT, R.; GOLDBORT, J.; GONZALEZ, M.; RODRIGUEZ, A. Too old to be breastfed? Examination of pre-healthcare professionals’ beliefs about, and emotional and behavioral responses toward extended breastfeeding. **Health Communication**, Hillsdale, v. 35, n. 6, p. 707-715, maio. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/10410236.2019.1584739>

Recebido em: 29 de abril de 2025.

Aceito em: 26 de fevereiro de 2026.